

A autoria na disputa pelos sentidos

Solange Mittmann
Organizadora



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Jane Fraga Tutikian
Diretora

Maria Lúcia Machado de Lorenci
Vice-diretora

Conselho Editorial do Instituto de Letras - UFRGS

Ana Zandwais
Antonio Marcos Sanseverino
Félix Bugueño Miranda
Gisela Colishonn
José Carlos Baracat Júnior
Lucia Rebello
Luiz Carlos da Silva Schwindt
Pedro de Moraes Garcez
Regina Zilberman
Rita Terezinha Schmidt
Rosalia Angelita Neumann Garcia
Sérgio de Moura Menuzzi

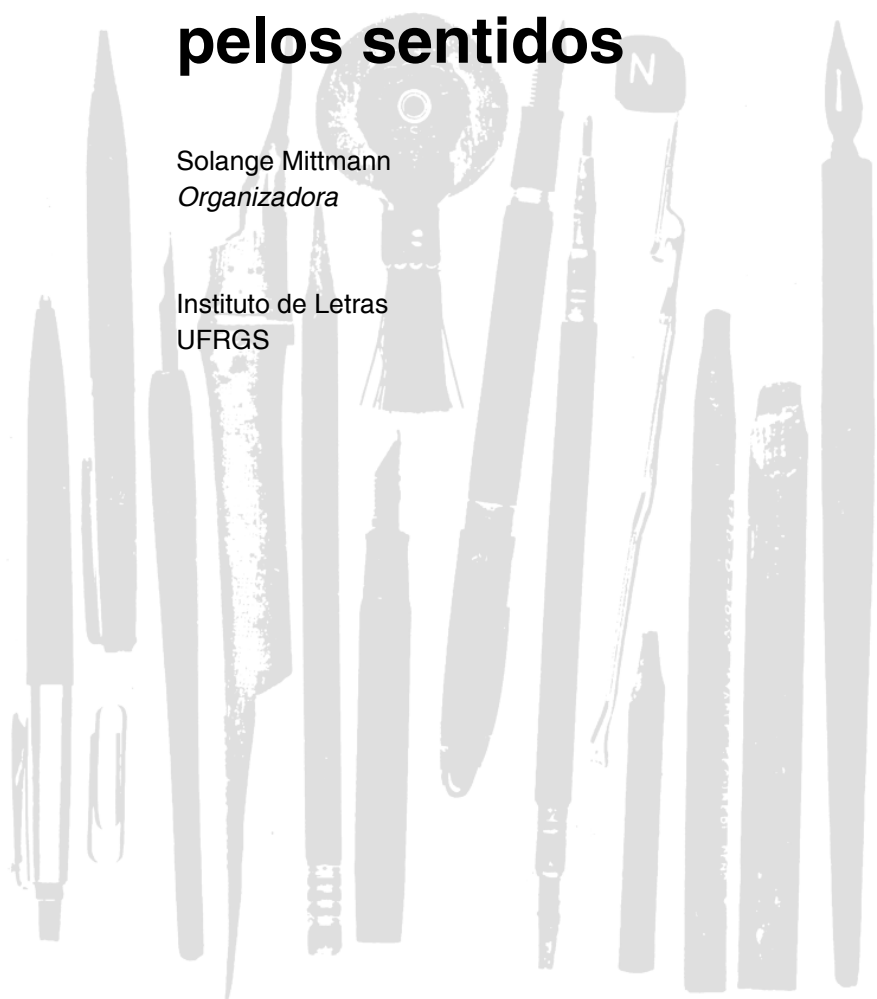
Instituto de Letras - UFRGS

Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221 - 91540-000 - Porto Alegre, RS
Fone +55 51 3308-7303, Fax +55 51 3308-7303
iletras@ufrgs.br - www.ufrgs.br/iletras

A autoria na disputa pelos sentidos

Solange Mittmann
Organizadora

Instituto de Letras
UFRGS



© dos autores
1ª edição: 2016
Porto Alegre - RS

Direitos reservados desta edição:
Instituto de Letras - UFRGS

Organização:
Solange Mittmann

Capa, projeto gráfico e Editoração eletrônica:
Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do I. L.

A939 A autoria na disputa pelos sentidos [recurso eletrônico] / Solange Mittmann, organizadora – Dados eletrônicos. – 1. ed. Porto Alegre : Instituto de Letras/UFRGS, 2016.
140 p. : il. color.

Requisitos do sistema: Adobe Reader.
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-64522-23-7

1. Autoria. 2. Análise do Discurso. 3. Interpretação. I. Mittmann, Solange (Org.).

CDD 401.41

Catálogo na publicação: Juliani Menezes dos Reis – CRB 10/2268



Impresso no Brasil
2016

Apresentação - Princípios fundamentais e questões (não tão) particulares sobre autoria

É com grande alegria que apresento este livro, pois é comemorativo de uma década de discussões em sala de aula sobre questões a respeito da autoria. Os capítulos aqui presentes trazem reflexões resultantes das leituras e dos debates ocorridos em diferentes momentos da disciplina Interpretação e Autoria, inaugurada por mim em 2005 no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Um tema que aparece como tão transparente, da ordem do já-conhecido – afinal, todos sabem o que é um autor –, mas é tão opaco que tem levado as mais diferentes áreas ao levantamento de aspectos que o complexificam e que nos levam a perguntar a cada vez: afinal, de que concepção de autor(ia) se está falando? Partindo dessa opacidade, nos propusemos – e o plural aqui não é de modéstia, mas indicativo da construção conjunta com os alunos –, na referida disciplina, a acionar autores de diferentes áreas de conhecimento, estabelecendo um diálogo e um sempre-retorno à Análise do Discurso pêcheutiana, que nos oferece o porto seguro para discutir noções que nos são tão caras e tão necessárias às abordagens de questões sobre autoria.

Os capítulos que compõem este livro constituem uma breve seleção de textos representativos de uma produção de alta qualidade constituída durante ou após as discussões empreendidas na disciplina. Cada autor trouxe seu próprio objeto de investigação para levantar questionamentos sobre a autoria tomando como ponto de partida as obras estudadas na disciplina, outras obras sugeridas e suas próprias inquietações diante dos arquivos com que se deparavam e que os instigavam a debater.

Abre o conjunto de textos a discussão trazida por Paula Daniele Pavan a respeito da proposta de nova Lei dos Direitos Autorais. Lançada pelo Ministério da Cultura, a Consulta Pública foi respondida através de votos e comentários que, para a autora, tomaram a forma de um arquivo para análise das concepções de autor, obra e autoria. Pela análise de enunciados divididos de duas sequências discursivas tomadas de tal arquivo, a autora apresenta os movimentos ora pela manutenção, ora pelo deslizamento de sentidos, movimentos que se dão a partir de duas posições sujeito da formação discursiva do direito civil: uma que defende a proteção ao autor, e outra que defende a proteção ao acesso.

Enfocando a autoria no ambiente acadêmico a partir do programa Ciência sem Fronteira, Michele Teixeira Passini analisa sequências do artigo “Cem mil bolsistas no exterior”, assinado por Cláudio de Moura Castro, Hélio Barros, James Ito-Adler e Simon Schwartzman. A partir das análises, discute a visão colonialista sobre a ciência em que a alguns é imputado o direito a ser autor, a ter sua pesquisa reconhecida como autora, e a outros restaria aprender com os primeiros.

Trazendo as noções de conhecimento e saber, além das concepções de enciclopédia, enciclopédia online e autoria colaborativa, Gláucia da Silva Henge defende que os verbetes (ou artigos) da Wikipédia são lugares de negociação de sentidos entre sujeitos identificados com diferentes formações discursivas. Daí a importância da figura do colaborador/editor, com a função de levar ao efeito de unidade. A autora propõe considerar a escrita colaborativa como processo de autoria, que pode envolver tanto a alteração de um verbete, como a reversão ao texto anterior à alteração.

A discussão sobre a autoria na constituição do arquivo é trazida por Caroline Foppa Salvagni, que inicia sua reflexão trazendo diferentes concepções discursivas sobre a noção de arquivo. A seguir, traz as questões da interpelação e da interpretação, que funcionam como lastro para sua discussão sobre a autoria. Com base nesse mapeamento teórico, a autora analisa tratamento específico da autoria na formação do arquivo da organização Wikileaks – que divulga documentos originais e oficiais vazados por fontes anônimas – e afirma que é a autoria que permite o realocamento dos discursos em um novo arquivo. E ainda, que a autoria no arquivo trabalha no espaço de contradição histórica.

Fábio Hansen aborda a autoria no processo criativo do discurso publicitário. E aborda, mais especificamente, a participação do leitor na produção desse discurso. Acionando a noção de formações imaginárias, discute como a construção do discurso publicitário se dá a partir de um leitor imaginário sob aparência de homogeneidade – aparência essa que se desfaz pela própria intervenção dos leitores em situações de conflito com o posicionamento de uma peça publicitária. Cita, para isso, o processo criativo de peças sobre produtos da marca Friboi. Discute ainda a participação dos leitores no processo de cocriação, mencionando a experiência da empresa Nextel, que conclamou seus clientes à divulgação de suas histórias, participando, assim, como cocriadores das peças publicitárias. O autor afirma que a autoria no discurso publicitário não se configura como um estado permanente, mas, sim, como um estado flutuante, efêmero.

O funcionamento da autoria nos livros de imagens é o tema trabalhado por Carolina Fernandes, que mostra o imbricamento de duas posições sujeito: a de artista visual, que produz uma imagem, e a de escritor, que produz uma narrativa ou um efeito poético. Tal imbricação conduz ao surgimento da modalidade sujeito-escritor de imagens. A autora mostra, por um lado, o efeito de abertura próprio dos livros literários de imagem e, por outro, o efeito de fechamento, que fica a cargo do leitor que narra verbalmente a história. E afirma que a especificidade da autoria do livro literário de imagem é o não-controle, a não-homogeneização do sentidos, possibilitando o surgimento da posição sujeito leitor-autor.

Através de uma articulação com concepções da Psicanálise, Patrícia Laubino Borba-Rodegher discute o tema da autoria na psicose. Seu arquivo de análise é formado de textos de pacientes psicóticos que participam do grupo terapêutico Atelier de Escrita. A autora explica que a autoria se estabelece como tentativa de significar e de estancar o real, e também de represar o interdiscurso, considerando que, no texto do psicótico, ocorre a invasão do não-sentido e do interdiscurso em sua forma heterogênea e contraditória, ou ainda o efeito de silenciamento. Nos dois textos que traz para a análise, a autora destaca a latência do funcionamento da pontuação como marca de autoria, de possibilidade de entrada do leitor nos textos.

Fecha o conjunto de textos, a abordagem de Carla Letuza Moreira e Silva sobre a relação entre a heterogeneidade (do discurso, da formação discursiva e do sujeito) e a autoria. Para isso, a autora traz dois textos que discutem o referendo das armas realizado pelo Governo Federal em 2005. Na análise do primeiro texto, que defende a entrega das armas pela população, a autora trabalha sobre uma construção sintática bastante particular: o jogo de palavras entre “A Deus as armas” e “Adeus às armas”. Como contraponto, a autora analisa também a autoria presente em um discurso favorável à manutenção da propriedade das armas pela população.

Os textos que compõem este livro mostram a especificidade do funcionamento da autoria em cada arquivo, em cada corpus, em cada sequência discursiva. E revelam uma necessidade demandada pelos novos olhares lançados aos objetos em análise: a de reflexão sobre a própria teoria – que pode levar, inclusive, ao desenvolvimento de novas categorias teóricas – num movimento em espiral com a análise dos objetos.

É possível observar dois aspectos simultâneos e interdependentes: por um lado, a autoria envolve o modo de o sujeito se relacionar com o outro, na relação intersubjetiva e na articulação de uma heterogeneidade de posições,

levando ao efeito de controle; por outro, envolve a relação com o Outro, na deriva dos sentidos, do discurso e do próprio sujeito, ou seja, a relação impossível e, ao mesmo tempo, necessária, com o equívoco (pela língua), com a contradição (pela ideologia), com o não sentido (entre fronteiras das formações discursivas).

Essa relação com o Outro – que escapa ao sujeito ao mesmo tempo em que o constitui – é o espaço da deriva, dos choques e dos acontecimentos, que possibilitam e impõem o deslizamento de sentidos, a atualização. A ausência de tal espaço levaria os sujeitos à mera repetição sem atualização, ou seja, sem autoria. Por isso, o espaço de deriva e de confrontos é o lugar que permite o trabalho da autoria nos mais diversos arquivos. E é esse o lugar privilegiado de entrada do analista do discurso para a discussão sobre a autoria.

A autoria se dá nesse jogo entre a repetição e a atualidade, porque a natureza do discurso é da ordem do repetível, do já-lá presente no interdiscurso e dos saberes das formações discursivas, que intervêm, sob a forma da repetição, na sustentação de cada novo discurso, e porque a enunciação de cada novo discurso, por sua vez, atualiza esses saberes e esse já-lá, num movimento de fluxo e refluxo entre o interdiscurso e o intradiscurso, num ir e vir que reatualiza tanto o intra como o interdiscurso.

Importa destacar que esses movimentos entre inter e intradiscurso não são diretos, eles só ocorrem sob a mediação de uma formação discursiva. Isso porque é pela identificação particular do sujeito com uma formação discursiva que é possível re-dizer o já-dito, que por ser dito em condições particulares já é ressignificado. Assim, se a repetibilidade vem sustentar o novo dito, esse novo dito, sob o efeito de uma particularidade, pode atualizar a própria repetibilidade, num jogo de forças entre posicionamentos, que pode levar a um maior ou menor deslizamento de sentidos.

Diante da dispersão que é própria de toda produção discursiva, a autoria intervém na tentativa de contenção do que escapa, levando ao efeito de unidade, de borda, um efeito de separação entre o dentro e o fora. É quando vemos o discurso materializado em texto. Um texto com abertura, articulação de argumentos e fechamento, ou seja, sob o efeito de um. Mas a autoria também tende a levar ao outro efeito, o de originalidade e de responsabilidade, como se os sentidos nascessem no sujeito. Trata-se de uma função que não é apenas interna do discurso, mas também enunciativa e social.

O efeito de responsabilidade pelo que se diz se faz presente na ilusão necessária para que se possa dizer, ou seja, para que o sujeito possa se cons-

tituir como sujeito de seu dizer, o que se dá a partir do esquecimento número um, o da própria interpelação, mas, principalmente, do esquecimento número dois, o da enunciação, da tentativa de controle sobre o próprio dizer. Lembrando que esquecimento aqui não significa perder o que se sabia, e sim, como diz Pêcheux, a presença do estranho familiar. O Outro que constitui o um, no efeito de memória, de reconhecível, mas também no efeito de novidade, de originalidade. É também assim a autoria que se construiu no conjunto de textos que compõem esse livro.

Desejando aos leitores que os textos aqui presentes sirvam não só para trazer subsídios teóricos e metodológicos para o estudo da autoria, mas também para instigá-los a novos questionamentos, é que convido-os à leitura.

Solange Mittmann
Organizadora